

HUME FILÓSOFO ENSAÍSTA

HUME ESSAYIST PHILOSOPHER

Marília Côrtes de Ferraz

Universidade Estadual do Norte do Paraná

mariliacortes@hotmail.com

“...as decisões filosóficas nada mais são do que as reflexões da vida ordinária, sistematizadas e corrigidas.”

(EHU 12. 3. § 25)

RESUMO: A partir de uma análise dos *Ensaios Morais, Políticos e Literários* [1741] de Hume em seu conjunto, pretendo chamar a atenção para a importância dessa obra no contexto geral do projeto filosófico humeano de construir uma *Filosofia Moral ou Ciência da Natureza Humana*. Darei especial atenção à manufatura intelectual dos *Ensaios* como exercício filosófico de observação de questões enunciadas também em outras obras de Hume, particularmente no que diz respeito aos *common affairs of life*, isto é, ao modo pelo qual os seres humanos comuns pensam, ajuízam, agem e sentem. Nesse sentido, a pesquisa que ora proponho será parte de um projeto mais longo e abrangente que, por sua vez, envolverá filosofia moral, estética e filosofia política. Dada a variedade de temas e áreas que a obra contempla, em torno de 700 páginas, intento, num primeiro momento, ater-me a alguns *Ensaios Morais* para, posteriormente, debruçar-me sobre os *Ensaios Políticos e Literários*.¹ Minha proposta é restringir inicialmente o escopo da pesquisa, começando pelos *Quatro Ensaios sobre a Felicidade: O Epicurista, O Estoico, O Platônico e O Cético*, respectivamente, *o homem de elegância e prazer, o homem de ação e virtude, o homem de contemplação e devoção filosófica* e, no caso de *O Cético*, nenhum subtítulo.

PALAVRAS-CHAVES: Filosofia; Felicidade; Paixão; Razão; Vida Comum.

¹ Ao todo são 49 ensaios morais, políticos e literários publicados na edição de Miller, incluindo-se os que foram retirados e não publicados por Hume.

ABSTRACT: Based on an analysis of Hume's *Moral, Political and Literary Essays* [1741] as a whole, I intend to draw attention to the importance of this work in the general context of the humean philosophical project of building a *Moral Philosophy* or *Science of Human Nature*. I will pay special attention to the intellectual manufacture of *Essays* as a philosophical exercise in observing issues raised in other works by Hume as well, particularly about the *common affairs of life*, that is, the way in which common human beings think, judge, act, and feel. In this sense, the research I am proposing here will be part of a longer and more comprehensive project which, in turn, will involve moral philosophy, aesthetics and political philosophy. Given the variety of themes and areas covered by the work, around 700 pages, I intend, at first, to stick to some *Moral Essays* and, later, to focus on *Political and Literary Essays*.² My proposal is to initially restrict the scope of the research, starting with the *Four Essays on Happiness: The Epicurean, The Stoic, The Platonic* and *The Skeptic*, respectively, the man of elegance and pleasure, the man of action and virtue, the man of contemplation and philosophical devotion and no subtitle in the case of *The Skeptic*.

KEYWORDS: Philosophy; Happiness; Passion; Reason; Common Life.

² Altogether there are 49 moral, political, and literary essays published in Miller's edition, including those that were withdrawn and unpublished by Hume.

A relação entre filosofia e felicidade³

Penso que todos haverão de concordar com a máxima segundo a qual “todos os homens desejam ser felizes” e que, por isso, todos, de uma maneira ou de outra, buscam a felicidade. Porém, como diz Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco* (EN), nem todos concordariam quanto ao que seja felicidade e quais os meios para se alcançá-la (EN I 4: 1095a 20). Mas é notável que a ideia de felicidade reúna elementos comuns (e talvez se possa dizer até mesmo universais) facilmente admissíveis por qualquer ser racional sensível. A maioria das pessoas concordaria que a felicidade é um bem desejável, aliás, segundo Aristóteles, “o bem mais desejável de todos” (EN I 1097b 15). Ao procurar “o mais alto de todos os bens que se pode alcançar pela ação” ele afirma: “quase todas as pessoas estão de acordo quanto ao fato de que esse bem mais alto é a felicidade”, pois “identificam o bem viver e o bem agir com o ser feliz” (EN I 1095a 15-20).

É igualmente notável que a felicidade tem uma relação estreita com ações, paixões, prazeres, dores, virtudes e vícios. Não são poucos os filósofos que argumentaram em favor dessa relação nas diversas obras produzidas na história da filosofia. Muitos tratados, ensaios, cartas, poesias, teorias e teses sobre a felicidade já foram escritas e continuam sendo.⁴

Epicuro em sua *Carta sobre a felicidade* nos diz que “a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que se originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência beleza e justiça sem felicidade”. Ele também diz que “as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas” (2002, pp. 45-47).

³ Trata-se aqui de apresentar um projeto de pesquisa iniciado em 2019, numa disciplina especial, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Fiz um primeiro recorte privilegiando, inicialmente, o tema da felicidade — notadamente um dos temas mais triviais da face da terra, mas nem por isso menos importante. Importa deixar claro que não pretendo discutir aqui pontualmente uma ou mais dentre as diversas teses que os *Quatro ensaios sobre a felicidade* contêm, mas apresentar estes ensaios numa espécie de sobrevoo, com vistas a levantar algumas questões, interpretações e perspectivas norteadoras de minhas pesquisas. Tais questões têm sido debatidas atualmente com meus alunos em um grupo de estudos, intitulado *Hume Filósofo Ensaísta*, formado no início de 2020. Acho particularmente interessante trabalhar com os *common affairs of life* (especialmente com alunos de graduação), dessa perspectiva de uma filosofia prática ou “filosofia fácil”, por ser, tal como diz Hume, “mais agradável e útil, que participa da vida cotidiana, molda o coração e os afetos, e, manipulando os princípios que atuam sobre os homens, reforma sua conduta e os traz para mais perto do modelo de perfeição que ela descreve (*Investigação sobre o entendimento humano* [EHU] 1.3).

⁴ Elisabeth Badinter, em seu *Prefácio* ao *Discurso sobre a Felicidade*, de Emilie Du Châtelet (1706-1749), observa que foram escritos, apenas no século XVIII, cerca de cinquenta tratados consagrados à felicidade. Ela remete-nos à obra *L'idée du bonheur au XVIII^e siècle*, Paris, Armand Colin, 1960, p. 94, de Robert Mauzi.

Platão, no livro II da *República* (1993), por sua vez, ao buscar definir a essência da justiça, considerou-a o mais belo de todos os bens. Ele afirma que a justiça deve ser amada tanto por si mesma quanto por suas consequências. E como virtude, *par excellence*, deve ser amada também por “aquele que quer ser plenamente feliz.”

Sêneca, dois séculos após Epicuro, por seu turno, defende que “a vida feliz apoia-se, estável e imutavelmente, sobre a retidão e certeza do juízo”, e que é “feliz quem confia à razão a gerência de toda a sua vida” (Sêneca. *A Vida Feliz*, 1991, pp. 30-31). Em sua apresentação a essa obra, Diderot nota que, de acordo com o estoico,

para alcançar a felicidade é necessária a liberdade: a felicidade não é para quem possui outros senhores além do próprio dever. Mas [pergunta Diderot], não será o dever um patrão arrogante? E na condição de serviçal que importa a qual senhor se sirva? Importa demasiado: o dever é um senhor do qual não se pode libertar sob pena de tornar-se infeliz (*Idem. Apresentação de Diderot*, p. 12).

Se saltarmos séculos à frente, para os primeiros passos da filosofia moderna, podemos encontrar nos *Ensaios* de Montaigne (1580) afirmação que segue essa mesma linha. Diz ele que “a felicidade do homem consiste em bem viver” (*Essays*, 1980, II), e que “não há nada mais belo e mais legítimo do que o homem agir bem e devidamente” (*Essays*, 1980, III).

Já Madame Émilie Du Châtelet, no século XVIII, em seu *Discurso sobre a felicidade* (2002), afirma que

devemos começar por nos dizer – e nos convencermos disso – que nada temos a fazer nesse mundo a não ser nos proporcionar sensações e sentimentos agradáveis. Os moralistas que dizem aos homens: reprimam suas paixões e controlem seus desejos se quiserem ser felizes, não conhecem o caminho da felicidade. Só se é feliz com os gostos e paixões satisfeitas; digo gostos, porque nem sempre se é suficientemente feliz com as paixões, e, na ausência de paixões, é preciso contentar-se com os gostos. Deveríamos, portanto, pedir paixões a Deus, caso ousássemos pedir-lhe algo (pp. 4-5).

E Hume, no ensaio *O Cético*, declara que “toda a diferença entre um homem e outro, em relação à vida, consiste ou na paixão ou no *deleite*. E essas diferenças são suficientes para produzir os maiores extremos de felicidade e miséria” (*Ensaios Moraes, Políticos e Literários*, 1987, XVIII, § 19, p. 167).⁵

⁵Doravante citado na abreviatura E, seguido do número do ensaio, parágrafo e página.

*

No segundo volume dos *Ensaios Morais, Políticos e Literários* (1742) encontram-se os *Quatro ensaios sobre a felicidade* mencionados no resumo acima. Tais títulos referem-se às afinidades que cada um destes ensaios tem com algumas concepções filosóficas antigas sobre a vida e a felicidade humanas. Esses ensaios são particularmente ricos e filosoficamente interessantes, visto que Hume expõe as doutrinas sustentadas pelas escolas filosóficas por meio de personagens que as representam — algo que se repete, *mutatis mutandis*, nos *Diálogos sobre a religião natural*⁶, no final da *Investigação sobre os princípios da moral*⁷ e ainda na seção 11 da *Investigação sobre o entendimento humano*.⁸

Logo no início do primeiro ensaio (*O Epicurista*), Hume assinala em nota que “a intenção deste e dos três ensaios seguintes não é tanto explicar acuradamente as opiniões das antigas seitas filosóficas, quanto interpretar as opiniões das seitas que se formaram naturalmente no mundo, ensejando diferentes ideias sobre a vida e a felicidade humanas” (E XV, p. 138). Trata-se, pois, de um conjunto de opiniões comuns que, na análise de Hume, revelam tipos ou caracteres humanos aparentados a essas seitas ou escolas filosóficas — uma espécie de arquétipos.

A partir do que foi dito acima, várias questões podem ser levantadas. Uma delas diz respeito a se os quatro ensaios podem ser compreendidos independentemente uns dos outros. Outra se refere a qual dos personagens representa a própria posição de Hume, se é que algum deles o representa inteiramente — uma questão que surge também nos DNR e que dá ensejo a uma fervorosa discussão entre seus intérpretes quanto a qual dos três personagens, Demea, Cleanthes e Philo, representaria a própria concepção de Hume a respeito do tema da religião natural.

Uma resposta à questão sobre os personagens dos quatro ensaios exige, naturalmente, que levantemos os pontos de concordâncias e divergências das teses ali apresentadas, especialmente daquelas de *O Cético* com as próprias teses de Hume a respeito do ceticismo na seção 12 da *Investigação sobre o entendimento humano*,⁹ bem como na parte 4 do Livro I do

⁶ Sirvo-me aqui da edição de Kemp Smith dos *Diálogos*, doravante citada na abreviatura DNR, cuja referência encontra-se na bibliografia.

⁷ Um diálogo intitulado *Diálogos*.

⁸ Seção intitulada *De uma providênciia particular e de um estado vindouro*.

⁹ *Da filosofia acadêmica ou cética*.

Tratado da Natureza Humana,¹⁰ e também, de modo menos pontual, nos *Diálogos sobre a religião natural*. Quer dizer, essa mesma questão, assim como muitas outras a respeito da filosofia de Hume em geral e, principalmente, de sua filosofia moral, nos leva a buscar esclarecimentos em outras obras dele — o que amplia, consideravelmente, o escopo da pesquisa.

Robert Fogelin (2007), em seu livro *Hume's Scepticism in the Treatise of Human Nature*, desconsidera a importância dos três primeiros ensaios e afirma que “a despeito de certos pontos particulares de concordância”, os três primeiros “não são expressivos da própria posição de Hume” (p. 117). Fogelin defende que é o ensaio final *O Cético* que representa a própria posição de Hume, e que este pode ser lido independentemente dos três primeiros. Ele considera *O Cético* com aproximadamente a mesma função do *Tratado*. O ensaio seria um outro trabalho filosófico técnico, no qual Hume tenta, de maneira diferente, estabelecer a relação entre ceticismo, moralidade e paixões (p. 119).

Ora, se os *Ensaios* têm ou não a mesma função do *Tratado*, conforme argumenta Fogelin, é discutível. Agora, que a maneira é diferente, o ponto parece-me pacífico, pois, além do tema ser escrito na forma de ensaio, ele é debatido por personagens que representam escolas que se formaram e existiram de fato na história. Hume toma a história e a experiência humanas como objetos de investigação e fios condutores da discussão. Porém, não há nada que obrigue Hume a representar fielmente essas escolas. São peças literárias, com traços de ficção, que tratam, a meu ver de modo estratégico, de um tema da ética ou filosofia moral amplamente debatido na história da filosofia a partir de diferentes perspectivas.

Em relação à questão que emerge naturalmente toda vez que Hume se serve de personagens para apresentar e debater seus temas filosóficos, Martin Bell (2008) defende em seu artigo, *Hume on the Nature and Existence of God*, a tese segundo a qual “não há por que acreditar que a leitura do personagem cético de Hume requeira fazer tudo o que ele diz coerente com sua filosofia em sua completude” (p. 349). Bell se refere aqui ao personagem cético, Philo, dos *Diálogos sobre a Religião Natural*. Penso que tal observação se estende e é aplicável também aos personagens dos quatro ensaios, sobretudo e naturalmente de *O Cético*.

Hume não só é considerado um dos mais representativos céticos da filosofia moderna, como também se autointitula, na seção 12 da EHU, textualmente, um cético. Mas, a despeito da tese de Bell, pode-se perguntar: é o cético do ensaio *O Cético* o próprio Hume? Ou melhor,

¹⁰ Do ceticismo e outros sistemas filosóficos.

o ceticismo de *O Cético* de Hume pode ser identificado com o ceticismo do próprio Hume? Se sim, em que medida? Se não, o que um tem a ver com o outro? Essas são questões dignas de investigação e deverão ser tratadas no desenvolvimento desta pesquisa. Por ora, deixo-as em aberto.

Convém observar que Hume não é conhecido na história da filosofia como epicurista ou estoico, muito menos platônico, mas, como vimos, certamente é conhecido como cétilo, ainda que seus intérpretes divirjam quanto ao tipo de ceticismo que ele espôs. Dessa perspectiva, jamais se poderia dizer que os outros ensaios representariam a própria posição de Hume. No entanto, é perfeitamente possível perceber que Hume, na voz do personagem cétilo, embora critique o epicurista e o estoico, abraçaria algumas de suas teses.

Walker (2013), em seu artigo *Reconciling the Stoic and the Sceptic: Hume on Philosophy as a Way of Life and the Plurality of Happy Lives*, observa que em várias passagens Hume aceita a opinião (que ele atribui ao estoicismo) – de que existe um único tipo de vida melhor e mais feliz para os seres humanos, o modo de vida levado pela figura que ele chama de 'o verdadeiro filósofo'. Em outras passagens, no entanto, prossegue Walker, Hume acolhe a opinião (que ele atribui ao ceticismo) – de que existe uma vasta pluralidade de bens e vidas felizes, cada qual, ao menos em potencial, igualmente digna de escolha. De acordo com essa visão cétila, seria demasiado estreito identificar a vida do verdadeiro filósofo como a mais feliz, dada a diversidade de inclinações, circunstâncias e talentos humanos. Daí que o pensamento de Hume sobre essas questões pode, à primeira vista, se apresentar inconsistente, pois ele parece tanto aceitar quanto negar que um determinado modo de vida - a vida do verdadeiro *philosopher* - é a mais feliz para todas as pessoas. Mas, para Walker, é possível reconciliar as afirmações aparentemente conflitantes de Hume, na medida em que a vida do verdadeiro filósofo – aquele que Hume, na esteira do estoico, acredita ser a mais feliz para todas as pessoas - pode ser conduzida de maneira mais ampla e flexível do que o *Cético* de Hume aparentemente admite. Ele sugere que é possível interpretar a afirmação do estoico sobre a superioridade da vida do verdadeiro filósofo de uma maneira que evita as preocupações do cétilo e vai, portanto, propor uma reconciliação entre o estoico e os temas cétilos no pensamento ético de Hume, no que respeita a vida do verdadeiro filósofo (cf. Walker, 2013, pp. 879-880).

Retomando a tese de Fogelin sobre a independência dos quatro ensaios, creio que nada impede que leiamos *O Cético* independentemente dos outros três. Todos os ensaios são suficientemente ricos para análises pontuais e isoladas, uma vez que se pode compará-los, individualmente, com as próprias escolas que eles representam, e também com o pensamento

de Hume em geral. Todavia, considerando-se que Hume trata do tema num conjunto de quatro ensaios e isso, como já mencionado, é assinalado textualmente pelo próprio Hume, dificilmente alguém poderia discordar de que há, no mínimo, uma forte relevância quanto ao tratamento deste tema ser por meio de personagens distintos que, em monólogos, parecem dialogar entre si. Cabe perguntar: por que Hume não tratou do tema em apenas um ensaio? Por que não em seu próprio nome? Essas também são questões dignas de atenção e deverão, oportunamente, ser esclarecidas. Com efeito, o que temos é um conjunto de quatro monólogos proferidos por quatro personagens que defendem ideias e opiniões significativamente distintas a respeito do mesmo assunto.

John Immerwahr (1989) em seu artigo, *Hume's Essays on Happiness*, sustenta que há muitas doutrinas em *O Cético* que são alusivas a outros trabalhos filosóficos de Hume, mas discorda da interpretação de Fogelin. Immerwahr argumenta que há um diálogo entre todos os discursos. Para ele seria um erro ler um dos discursos fora do contexto do diálogo como um todo. O que tornaria a interpretação de Fogelin aparentemente plausível seria o fato de que, sobre fundamentos estilísticos, por serem discursos muito breves e escritos em estilo retórico e floreado, há razões para desconsiderar os outros três ensaios e focar a atenção principalmente em *O Cético*, que é mais longo do que os outros três juntos e retoma o estilo usual de prosa (p. 307).

Certamente uma análise dos quatro ensaios em conjunto nos proporcionará uma compreensão maior quanto ao tema e, talvez, quanto à própria concepção de Hume em geral. Digo talvez porque Hume, ao discutir certos assuntos por meio de diálogos entre personagens, sempre deixa a seus intérpretes a tarefa de tentar identificar sua própria posição ou concepção a respeito do tema em debate. E quanto a isso não há consenso, mas certamente se constitui numa estratégia enriquecedora dos debates que suscita.

Contrariamente à tese de Fogelin segundo a qual *O Cético* tem basicamente a mesma função do *Tratado*, Immerwahr propõe outra interpretação — a de que o propósito dos quatro ensaios (que ele chama de populares) é diferente dos escritos técnicos. Para Immerwahr, enquanto o *Tratado* pretende analisar e descrever a natureza humana, o propósito destes ensaios não é analítico, mas sim terapêutico (1989, p. 308).

Outra questão que emerge naturalmente é: por que Hume trata do tema no gênero *Ensaios*? Por que não em suas outras obras que tratam de filosofia moral, como o livro III do *Tratado* ou a *Investigação sobre os princípios da moral*, por exemplo? E mais: uma vez que a felicidade tem uma relação direta e estreita com as paixões, por que Hume não tratou do tema

no Livro II do *Tratado*, intitulado *Das paixões?* Uma das vias de acesso ao esclarecimento dessas questões encontra-se no ensaio literário *Da escrita de ensaios*, por ser ali que Hume define os propósitos da arte de ensaiar — isto é, em poucas palavras, promover uma aproximação entre o mundo dos eruditos e o mundo dos sociáveis, o mundo do saber e o mundo da conversação (E, I, p. 534-535).¹¹ Há também uma outra via de acesso no último parágrafo do Livro III do *Tratado*, quando ali ele diz que as reflexões sobre a felicidade “requerem uma obra à parte, muito diferente do espírito do presente livro” (T 3.3.6.6).

Renato Lessa, em sua introdução à tradução de Luciano Trigo dos *Ensaios Morais Políticos e Literários*, considera o ensaio *O Cético* o mais importante de todos porque “revela a natureza filosófica do próprio narrador”. Ele sugere *O Cético* como porta de entrada a um futuro leitor dos *Ensaios*, por ser “uma introdução magnífica ao ceticismo humeano” (E, int., p. 35).

Uma vez levantadas as questões acima, passo agora a uma apresentação geral dos quatro ensaios propostos como porta de entrada a um estudo da filosofia de Hume, sobretudo de uma moral prática, a partir dos *Ensaios*.

O assunto principal de *O Cético* versa sobre uma análise do império, poder, influência e alcance da filosofia sobre o homem comum. Tema que nos coloca em contato direto com o tópico filosofia e vida comum, tão caro a Hume. Ali ele defende que a filosofia pode fazer muito pouco ou quase nada no que se refere à conquista da felicidade. Ora, mas não basta dizer que a filosofia pode fazer muito pouco ou quase nada. É preciso mostrar quão pouco ela pode fazer, e por que ela não pode fazer quase nada, e não, digamos assim, um completo e absoluto nada. Cabe, pois, perguntar: o que a filosofia tem a dizer sobre a felicidade? Em que medida a filosofia pode nos conduzir à felicidade, se é que pode?

Para o personagem cético, a natureza exerce sobre nós uma influência muito maior do que as regras e preceitos estabelecidos pela razão. Quer dizer, a natureza prevalece quanto ao modo de sermos afetados pelo mundo e pelas pessoas. Nesse sentido, a felicidade ou miséria depende mais da natureza — que nos dotou com tal ou tal temperamento, tal ou tal estrutura, digamos, psicofisiológica. Em última instância, nossa felicidade ou miséria depende de nossas idiossincrasias — uma estrutura que nos inclina a sentir paixões ou calmas ou violentas. Essas paixões, segundo Hume, são as fontes de nossas ações, consequentemente, responsáveis pelo

¹¹ Este ensaio apareceu somente no volume II dos *Ensaios Morais Políticos e Literários* e inclui-se entre aqueles que foram retirados & não publicados.

modo como interagimos no mundo e com o mundo — tema pontualmente tratado também no livro II do TNH e no *Ensaio I*, da primeira parte, intitulado *Da delicadeza do gosto e da paixão*.

Em relação aos outros três ensaios, de uma ampla perspectiva, o discurso do Epicurista visa a mostrar a supremacia da natureza para a realização do prazer e da felicidade. Ele nega o poder dos seres humanos em criar um estilo de vida que seja verdadeiramente prazeroso. Basicamente este ensaio se apresenta como uma crítica à tentativa de os filósofos produzirem uma felicidade artificial pelas regras da arte, da razão e da reflexão, e uma defesa de que a felicidade depende de nossa constituição e estrutura originais, que nos inclinam naturalmente a buscar o prazer e a evitar a dor, quer dizer, depende mais da natureza do que da arte e da reflexão. Nesse sentido, vem ao encontro de uma das teses de *O Cético*, guardadas as devidas distinções.

Já *O Estoico* rejeita o “hedonismo” de Epicuro e enfatiza a contribuição da arte e da industriosidade para tornar os homens felizes (E XVI § 1, p. 146).¹² Ele defende que a inventividade humana tem um tremendo impacto sobre a felicidade. Mas embora *O Estoico* acrescente uma perspectiva útil, ao que parece, ele desconsidera um ponto essencial ao subestimar a importância da constituição original do homem que não seja a própria razão. Assim, ele confia a escolha da melhor vida possível à razão e identifica a virtude com a felicidade. O sábio e feliz seria aquele capaz de integrar perfeitamente todas as artes relacionadas à prática do agir bem para bem viver.

O Platônico, por sua vez, oferece uma poderosa crítica à posição tomada pelo estoico. Ele aceita a ênfase estoica sobre a perfeição e excelência (E XVI § 6, p. 149), mas argumenta que a análise do estoico não é suficiente. Se alguém vai admirar a perfeição não deve se deter na perfeição humana, mas sim na perfeição divina. Ora, considerando-se abstratamente, alguém poderia, talvez, visar à perfeição divina, mas tais considerações são muito remotas para exercer impacto sobre a vida humana. Como diz o personagem cético: “um objeto abstrato e invisível, como só a *religião natural* nos apresenta, é incapaz de influenciar por muito tempo a mente ou adquirir alguma importância na vida...” (E XVII § 23, p. 167).

A contribuição de *O Cético* para o debate é muito mais longa e desenvolvida do que a dos outros ensaios. Um dos pontos centrais é a diferença no modo de pensar sobre a felicidade

¹² Sigo aqui a tradução sugerida por Balieiro, em sua tradução de *O Estoico*, do termo *industry* por industriosidade. Ainda que tal tradução seja pouco empregada em nossa linguagem usual, de acordo com Balieiro, “ela preserva o significado do termo original e tem as mesmas origens”. Traduzir *industry* por “indústria” poderia dar ensejo à confusão, e traduzir *industry* por “engenho” seria uma alternativa que embora preserve o significado tem origem diferente (cf. Balieiro, 2013, nota, p. 121).

humana. Os três outros oradores falam da felicidade em termos de um objeto particular que é perseguido. Mas *O Cético*, diferentemente, dirige nossa atenção para as próprias paixões ao defender a tese segundo a qual “os objetos não têm valor em si mesmos”. Seus valores derivam das paixões — o que significa dizer que a felicidade depende mais da qualidade de nossas paixões do que da natureza de seus objetos.

Williges (2004) nos oferece importantes esclarecimentos sobre o tema da felicidade em Hume. Ele observa que “o núcleo central do tratamento que Hume oferece ao problema da felicidade consiste em recusar como ilegítima” a pergunta sobre “que forma de vida é aquela que poderíamos qualificar como sendo realmente uma vida que concorre para a felicidade” (p. 86). Segundo Williges,

o ponto de partida correto para se construir uma reflexão acerca da felicidade não consiste em buscar um entendimento do significado que esse substantivo feminino pode ter em nossa linguagem, no sentido de entender aquilo que a felicidade é, a sua substância ou essência. [...] A principal contribuição de Hume para este tema consistiu em alterar os termos em que a própria pergunta é formulada. Em vez de prender-nos à noção geral de ‘vida feliz’, deveríamos, pensa Hume, nos fixar no conjunto de qualidades que devem estar associadas a uma *pessoa* para que ela possa merecer o título de ‘pessoa feliz’ (2004, p. 86).

Filosofia demais, segundo o personagem cético, faz mais mal do que bem — pode tornar o homem melancólico — e o benefício que pode proporcionar é para uma pequena parcela da humanidade. É tese do cético que a filosofia é reservada para muito poucos, apenas para aqueles que têm inclinações naturais para ela. A grande maioria da humanidade vive de acordo com suas necessidades e inclinações mais naturais. Isso significa que a constituição natural tem mais força na conduta moral, nos gostos e preferências do que a razão e a reflexão — uma tese que, ao que tudo indica, vem perfeitamente ao encontro do ceticismo e do naturalismo de Hume.

Dada a grande variedade de questões de interesse não apenas comum, mas também filosófico que, aqui, foram levantadas, e outras que ainda deverão surgir, um estudo pontual desses quatro ensaios parece-me suficientemente justificável como guia de entrada aos *Ensaios Morais, Políticos e Literários*: uma obra escrita de acordo com o espírito iluminista da filosofia moderna, isto é, de esclarecimento, e numa linguagem ordinária, ainda que culta e referida à *République des Lettres*¹³.

¹³ Como parte das atividades desta pesquisa, organizei, no segundo semestre de 2021, um evento de extensão intitulado *Ciclo de Palestras “Hume Filósofo Ensaísta”*. Tratou-se de um ciclo de nove palestras, via *google meet*, com professores que estudam temas relativos aos *Ensaios* de Hume. Foram debatidos tópicos concernentes à política, à economia, à felicidade, às emoções, à imortalidade da alma, ao suicídio, ao comércio, à civilização, à polidez, à moral e ao ceticismo de Hume. Tivemos a participação de 86 ouvintes inscritos, entre professores e

Referências bibliográficas ¹⁴

Obras de Hume

- HUME, D. (EHU): *An Enquiry concerning Human Understanding*. Ed. Tom L. Beauchamp. Oxford: University Press, 1999.
- HUME, D (EPM): *An Enquiry concerning the Principles of Morals*. Ed. Tom L. Beauchamp. Oxford: University Press, 1998.
- HUME, D (THN): *A Treatise of Human Nature*. Ed. D. F. Norton & M. J. Norton. Oxford: University Press, 2002.
- HUME, D. (DNR): *Dialogues Concerning Natural Religion*. Edited with an introduction, by Norman Kemp Smith. New York: Macmillan Publishing Company, 1988.
- HUME, D. (E): *Essays: moral, political, and literary*. Edited by Eugene E. Miller. Indianapolis: Liberty-Classics, 1987.
- HUME, D. (L): *The Letters of David Hume*. Vol. II. Edited by J.Y.T. Greig. Oxford: Oxford at the Clarendon Press, 1932.

Traduções

- HUME, D. (AE). *A arte de escrever ensaio e outros ensaios*. Tradução de Márcio Suzuki e Pedro Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2011.

alunos. Pode-se dizer, pois, que os estudos e atividades empreendidas por meio desta pesquisa revelaram-se numa excelente ferramenta de articulação entre pesquisa, ensino e extensão, possibilitando a geração de produção científica de qualidade e o aprimoramento da formação dos acadêmicos inseridos na complexidade e diversidade do mundo atual. Por fim, gostaria de deixar registrado aqui meus agradecimentos aos professores e professoras que gentilmente se dispuseram a proferir suas palestras neste ciclo. São eles: Maria Isabel Limongi (UFPR); Franco Nero Soares (IFRS); Andreh Ribeiro (IFRN); Stephanie Zahreddine (UFMG); Marcos Balieiro (UFS); Luiz Eva (UFABC); Jaimir Conte (UFSC); Flávio Williges (UFSM) e Fernão de Oliveira Salles (UFSCAR). Agradeço também aos colegas do Grupo Hume (UFMG) pelo convite para participar como conferencista no *Evento Comemorativo dos 20 Anos do Grupo Hume*, assim como para publicar meu projeto de pesquisa neste número da *Revista Estudos Hum(e)anos*.

¹⁴ As referências aqui apresentadas são apenas preliminares e representam parte de um levantamento bibliográfico bem mais extenso para o desenvolvimento da pesquisa.

- HUME, D. (IA): *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. Tradução de Davi de Souza; Jaimir Conte (*Do suicídio e Carta a William Strahan*); Daniel Swoboda Murielado (*Minha Vida e Última entrevista com David Hume*) Ijuí: Unijuí, 2006.
- HUME, D. (DRN): *Diálogos sobre a Religião Natural*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HUME, D. (EMPL) *Ensaios Morais, Políticos e Literários*. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.
- HUME, D. (IEH): *Investigação sobre o entendimento humano*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- HUME, D. (HNR): *História Natural de Religião*. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Unesp, 2005.
- HUME, D. (TNH): *Tratado da Natureza Humana*. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Unesp, 2001.
- HUME, D. (IPM): *Uma investigação sobre os princípios da moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

Outras obras

- AGOSTINHO. *Diálogo sobre a felicidade*. Tradução de Mário A. Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1988.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução da versão inglesa de W. D. Ross de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987
- CÍCERO, Marco Túlio. *A virtude e a felicidade*. Tradução de Carlos Ancêde Nougué. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Do Sumo Bem e do Sumo Mal*. Tradução de Carlos Ancêde Nougué. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DU CHÂTELET, Émilie. Tradução de Marina Appenzeller. Prefácio de Elisabeth Badinter. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- EPICURO. *Antologia de Textos*. Traduções e notas Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni. São Paulo: Nova cultural (Os Pensadores), 1988.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

- EPICURO. *Máximas Principais*. Texto, tradução, introdução e notas de João Quartim de Moraes. São Paulo: Loyola, 2010.
- MONTAIGNE. Michel de. *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- PLATÃO. *A República*. 7^a edição. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- SÊNECA. *A vida feliz*. Apresentação de Diderot. Tradução de André Bartholomeu. Campinas. São Paulo: Pontes Editores, 1991.

Referências bibliográficas secundárias

- ALBIERI, Sara. Hume acerca da vida e da felicidade. In: *Revista de Ciências Humanas*, vol 11, no. 15, março de 1994, Editora da UFSC, (pp. 96-111).
- ANNAS, Julia. Hume e o Ceticismo antigo. Tradução de Plínio Junqueira Smith. *Sképsis*. Ano I, nº 2, 2007, (pp.131-148).
- BALIEIRO, Marcos Ribeiro. O Estoico. Tradução e apresentação. In: *Anais de Filosofia Clássica*, vol 7, no. 13, 2013.
- BELL, Martin. Hume on the Nature and Existence of God. In: *Blackwell Companion to Hume*. Edited by Elizabeth S. Radcliffe. USA: Blackwell Publishing LTD, 2008, (pp.338-352).
- FOGELIN, Robert J. “A tendência do ceticismo de Hume”. Tradução de Plínio Junqueira Smith. In: *Sképsis*. Ano I número 1, 2007, (pp. 99-118).
- FOGELIN, Robert J. *Hume's Skepticism in the Treatise of Human Nature*. London: Routledge and Kegan Paul, 1985.
- GINSBERG, Robert. The Literary Structure and Strategy of Hume's Essays on the Standard of Taste. In: *The Philosopher as Writer: The Eighteenth Century*. Ed. Robert Ginsberg. London and Toronto, 1987.
- HEYDT, C. Relations of Literary Form and Philosophical Purpose in Hume's Four Essays on Happiness. In: *Hume Studies*, Vol 33, no. 1, 2007, (pp.3-19).
- IMMERWAHR, John. Hume on Tranquillizing the passions. In: *Hume Studies*, Vol. XVIII, no. 2, November, 1992, (pp.293-314).
- IMMERWAHR, John. Hume's Essays on Happiness. In: *Hume Studies*. Vol. XV, no. 2, November 1989, (pp.307-324).

- JONES, Peter. Art and Moderation in Hume's Essays. In: *McGill Hume Studies*. Ed. David Fate Norton, Nicholas Capaldi, and Wade Robison. San Diego, 1979.
- JONES, Peter. Hume's literary and aesthetic theory. In: Norton (Org). *The Cambridge Companion to Hume*. Cambridge University Press, 1993.
- LIMONGI, Maria Isabel. O fato e a norma do gosto: Hume contra um certo ceticismo. In: *Analytica*, vol.10, no. 2, 2006, (pp.107-124).
- MERRILL, Kenneth R. *Historical Dictionary of Hume's Philosophy: Historical Dictionaries of Religions, Philosophies, and Movements*, (nº. 86). USA: The Scarecrow Press, Inc., 2008.
- MOSSNER, Ernest Campbell. Philosophy and Biography. In: Hume: *A Collection of Critical Essays*, ed. V.V. Chappell. Garden City, NY, 1996.
- POPKIN, Richard. *História do Ceticismo: de Erasmo a Spinoza*. Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 2000.
- PRICE, John Valdimir. *The Ironic Hume*. Austin: University of Texas Press, 1965.
- SANTOS-CASTRO, Juan Samuel. *On Hume on Happiness*. Disponível em https://www.academia.edu/1699922/On_Hume_on_Happiness
- SMITH, Plínio Junqueira. *O Ceticismo de Hume*. São Paulo: Loyola, 1995.
- TAYLOR, Jacqueline. Hume on Beauty and Virtue. In: *Blackwell Companion to Hume*. Edited by Elizabeth S. Radcliffe. USA: Blackwell Publishing LTD, 2008, (pp.273-292).
- WALKER, Matthew. Reconciling the Stoic and the Sceptic: Hume on Philosophy as a Way of Life and the Plurality of Happy Lives. In: *British Journal for the History of Philosophy*, Vol. 21, No. 5, 2013 (pp. 879-901).
- WILLIGES, Flávio. A felicidade na filosofia de David Hume: In: *A Filosofia e a Felicidade: o que os filósofos têm pensado sobre a felicidade humana*. Suzana Guerra Alborno (Org). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, (pp. 85-107).